



ALVES, Victor Hugo Sampaio. *Kalevipoeg*. Epopeia/poema épico. In: *Revista Épicas*. Ano 4, Número Especial 4, Nov 2020, p. 227-244. ISSN 2527-080X. DOI: <https://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020vE3>.

KALEVIPOEG EPOPEIA/POEMA ÉPICO

Victor Hugo Sampaio Alves¹
Universidade Federal da Paraíba

1.

Kalevipoeg foi a epopeia estoniana surgida no século XIX, concebida inicialmente por Friedrich Robert Faehlman e, por conta de sua morte, escrita e finalizada por Friedrich Reinhold Kreutzwald. O épico surgiu acima de tudo para atender à necessidade da Estônia de livrar-se do domínio cultural germânico – que já se estendia por séculos a fio, basicamente desde a época das Cruzadas no Báltico, por volta do século XII – por meio da criação de uma identidade nacional genuinamente estoniana que não demonstrasse qualquer traço de seus dominadores alemães. Os valores e características necessários à construção de tal identidade convergiram no herói *Kalevipoeg* (“O filho de *Kalev*”), retirado do folclore nativo e reconfigurado para que se encaixasse aos moldes épicos e ideais românticos típicos do XIX.

Kreutzwald sofreu grande influência das ideias de Gottfried Herder, tido por um dos maiores arquitetos do supracitado *Sturm und Drang* e do Romantismo Alemão;

¹ Mestre e doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), da Sociedade Finlandesa de Literatura (*Suomalaisen Kirjallisuuden Seura/SKS*) e do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP).

paralelamente, havia naquele momento uma poderosa onda do despertar nacional estoniano e de outros movimentos de cunho revolucionário que vinham empurrando os povos do Leste Europeu rumo à vontade de independência e emancipação desde o início do século XIX. Nesse contexto, as máximas defendidas por Herder puderam, então, ser facilmente assimiladas pelos eruditos estonianos em busca de emancipação do domínio estrangeiro: segundo ele, havia um declínio nas sociedades ocidentais que tinham aderido a modelos culturais estrangeiros e desvalorizavam suas línguas e literaturas nativas. Herder convocava uma revitalização das culturas e nações por meio do resgate do folclore, da poesia e das tradições de cada povo, que constituíam, segundo ele, a forma mais verdadeira de expressão do espírito nacional. Todas as nações, de acordo com o autor, se encontravam em processo de progressão em direção a um estado utópico almejado, chamado *Humanität*, mas cada nação deveria alcançá-lo seguindo a trilha de sua própria cultura, desenvolvendo sua própria linguagem, arte, literatura, religião, costumes e leis.

Atraídos por esse mesmo ideal, estudantes estonianos revolucionários formaram um grupo que visava justamente esse tipo de resgate: o desenvolvimento e constituição daquele que seria o verdadeiro *Volkgeist* estoniano, fazendo de sua língua vernacular um instrumento literário e, de sua tradição e memória, representada no folclore, o conteúdo genuíno para tal. Foi nesse contexto em que Kreutzwald conheceu e se tornou amigo de Friedrich Robert Faehlmann.

Em certo ponto, influenciado pela epopeia de seu povo vizinho, a *Kalevala* finlandesa, Faehlmann decidiu começar a escrever uma epopeia estoniana nos mesmos moldes. Em 1839, publicou uma antologia de contos antigos e, bebendo da água do Romantismo Alemão, escreveu sobre a figura mítica do herói *Kalevipoeg* (“o filho de *Kalev*”) que, no folclore estoniano, era um gigante conhecido por atos nada heroicos, e o transformou em um antigo rei mitológico dos estonianos que lutava pela liberdade de seu povo. Nascia, assim, o protagonista (ou a imagem do protagonista) da epopeia estoniana. Infelizmente, Faehlmann faleceu em 1850, muito antes de concluir sua escrita. Ficou, assim, a cargo de Kreutzwald terminar o grande épico estoniano. Ele o publicou em partes nos Anais da Sociedade de Intelectuais Estonianos ao longo dos anos de 1857 a 1861; em forma de livro, a epopeia foi publicada na Estônia somente em 1875.

Mas quais foram as inspirações de Kreutzwald, as bases mitológicas e folclóricas do povo estoniano que dariam sustentação a seus escritos? Kreutzwald não criou toda a estória que permeia o épico. A resposta é o folclore estoniano. Nas canções folclóricas, o protagonista *Kalevipoeg* ocupa um papel um tanto quanto periférico e secundário; contudo, o personagem figura em muitas das estórias folclóricas de natureza prosaica, principalmente aquelas provenientes do leste estoniano, que atribuem um caráter etiológico às ações de *Kalevipoeg* e a paisagem natural: pedras em formatos incomuns e a formação de rios e colinas são costumeiramente atribuídas a ele. Nesses contos folclóricos, *Kalevipoeg* não é um humano ordinário, mas uma criatura que pode ser caracterizada como algo entre o ser humano e um ser primordial – algo similar, dadas as devidas proporções, a um titã ou *troll*.

De fato, no folclore estoniano *Kalevipoeg* já figurava, em certa medida, como um agente criador e (re)modelador da paisagem natural, um fazendeiro e portador da cultura. Porém, Kreutzwald de fato se esforçou para trazê-lo mais perto dos humanos, tornando-o uma figura mais protetiva do que o folclore originalmente revelava. Além disso, visando esse mesmo fim, o autor também ofuscou quase que completamente o lado mais sombrio de *Kalevipoeg* que estava presente nas antigas estórias: uma criatura sexualmente hiperativa; que costumava vangloriar-se de sua força de modo imprudente causando, não raras vezes, cenários caóticos. Apesar de ainda haver traços desse lado de *Kalevipoeg* na epopeia, eles passaram por um intenso filtro de Kreutzwald, que conscientemente os minimizou. Nesse sentido, a operação realizada por Kreutzwald foi clara. Ele elegeu uma criatura do folclore nativo que simbolizasse uma parte indomável dos estonianos, e o modificou para que pudesse manter essas características enquanto simultaneamente levantasse o estandarte digno de um herói.

Kreutzwald foi sagaz ao captar a necessidade da jovem nação estoniana, que precisava com urgência de uma identidade nacional e de um herói que fosse artisticamente empolgante, grandioso e atrativo, enquanto que simbolizasse uma rebelião contra o controle estrangeiro. Ao inspirar-se no *Kalevipoeg* oriundo do folclore estoniano, Kreutzwald precisou conferir a ele uma nova voz, algo para onde convergissem as características de uma identidade nacional emergente que fosse, além de tudo, estabelecer um contraste direto com os alemães, conquistadores da Estônia e seus dominadores durante séculos a fio. A saída que pareceu mais eficiente para o autor

– e que de fato o foi – era a de construir uma epopeia em torno de um herói nacional. A escolha de *Kalevipoeg* não foi acidental: justamente sua parte primitiva, incontável, colossal e selvagem é que pareceu representar, para Kreutzwald e Faelhmann, o ápice do folclore genuinamente estoniano que não revelava nenhum traço de seus colonizadores germânicos.

Uma última questão que necessita ser evidenciada e sempre mantida em vista é a questão da audiência de Kreutzwald e sua obra. Ambas a *Kalevipoeg* estoniana e a *Kalevala* finlandesa, ao contrário de outras epopeias, visavam não uma elite intelectual, mas as classes do povo, principalmente a campestre que, aliás, foi justamente a mantenedora da tradição oral folclórica até o século XIX, contribuindo com suas vozes e memórias para os materiais de compilação que viriam a servir de base para essas epopeias. A maestria dos trabalhos de Kreutzwald e Elias Lönnrot reside justamente em sua habilidade de criar essas obras de natureza híbrida que conseguiam, com esse material, mobilizar a sensibilidade e o interesse de uma elite que desejava a emancipação da nação, enquanto conferiam voz e valorizavam as classes do povo e o mundo cotidiano de sua vida na maioria das vezes ainda rural.

Para isso, o intuito de Kreutzwald era o de obter tantos relatos quanto fossem possíveis sobre o gigante das narrativas folclóricas. Ele sabia que essas histórias possuíam suas variações e regionalismos, estando espalhadas por todo o território estoniano e, por isso, começou uma campanha pedindo para que todos os seus colegas, amigos e demais interessados lhe enviassem todo o material que conseguissem colher para que o ajudassem na “reconstrução desse grande épico”. Kreutzwald de fato veio a receber a ajuda de diversas partes da Estônia, recebendo inúmeros materiais folclóricos.

E foi essa a principal diferença entre o trabalho de Kreutzwald e o de Lönnrot, autor da *Kalevala* finlandesa. O segundo coletou uma quantidade de material muito superior à de Kreutzwald, além de tê-lo feito em grande parte pessoalmente, ao viajar por diversas localidades da Finlândia e principalmente da Carélia. Além da ajuda que teve de seus correspondentes, Kreutzwald realizou apenas algumas poucas viagens para o sudeste de seu país, onde coletou alguns contos tradicionais. Apesar de isso não significar necessariamente que o *Kalevipoeg* tenha valor inferior se comparado à *Kalevala*, precisamos ter em mente que os conteúdos do *Kalevipoeg* devem ser lidos

muito mais como uma parte discursiva da História e da Literatura estonianas, do que como representante fidedigno do folclore nativo do país.

E também ao contrário da *Kalevala* finlandesa, o *Kalevipoeg* conta com apenas este único protagonista, que deu seu próprio nome à epopeia. A narrativa consiste em *Kalevipoeg* viajando rumo à Finlândia para resgatar sua mãe, que havia sido raptada por um mago finlandês - inclusive, é interessante notar como o *ethos* do mago na obra de Kreutzwald é sempre o do finlandês ou o do sámi. No caminho, *Kalevipoeg* termina envolvendo-se num embate contra o filho de um ferreiro e o mata desnecessariamente em combate: o ferreiro, então, o amaldiçoa, praguejando para que a própria espada de *Kalevipoeg* o matasse. Na volta, o herói torna-se rei da Estônia após vencer uma disputa de arremesso de pedras contra seus dois irmãos. Agora rei, o protagonista começa a implementar melhorias e a construir fortificações, pois seu reino era constantemente invadido por lituanos, poloneses e alemães. Num dado momento, *Kalevipoeg* precisa cruzar o rio lamacento onde sua espada havia caído e, então, por conta da maldição, ela lhe corta ambas as pernas e o gigante morre. O deus *Taara* decide enviar *Kalevipoeg* para guardar os portões do submundo, onde se encontra até hoje.

Não existem traduções da epopeia estoniana ao português. Há traduções para o inglês feitas por Jüri Kurman (1982) e Triinu Kartus (2011). Outra opção é a tradução resumida e adapta em prosa, de William Forsell Kirby (1985), também para o inglês. Mariano González Campo traduziu a versão de Kirby a partir do inglês para o espanhol (2015).

2.

Kalevipoeg fue la epopeya estonia que surgió en el siglo XIX, inicialmente concebida por Friedrich Robert Faehlman y, a causa de su muerte, escrita y completada por Friedrich Reinhold Kreutzwald. La epopeya surgió sobre todo para satisfacer la necesidad de Estonia de deshacerse del dominio cultural alemán – que había estado sucediendo durante siglos, básicamente desde la época de las Cruzadas del Báltico, alrededor del siglo XII – creando una identidad nacional genuinamente estonia que no mostraba rastro de sus dominadores alemanes. Los valores y características necesarios para la construcción de tal identidad convergieron en el héroe Kalevipoeg (“El hijo de

Kalev”), alejado del folclore autóctono y reconfigurado para encajar en los moldes épicos y los ideales románticos propios del XIX.

Kreutzwald estuvo muy influenciado por las ideas de Gottfried Herder, considerado por uno de los más grandes arquitectos del mencionado *Sturm und Drang* y del romanticismo alemán; paralelamente, hubo en ese momento una poderosa ola de despertar nacional en la Estonia y otros movimientos revolucionarios que habían estado empujando a los pueblos de Europa del Este hacia la voluntad de independencia y emancipación desde principios del siglo XIX. En este contexto, las máximas defendidas por Herder podrían entonces ser fácilmente asimiladas por los estudiosos estonios en busca de emancipación de la dominación extranjera: según él, hubo un declive en las sociedades occidentales que se habían adherido a modelos culturales extranjeros y devaluado sus lenguas y literaturas nativas. Herder pidió una revitalización de las culturas y naciones rescatando el folclore, la poesía y las tradiciones de cada pueblo, que, según él, constituían la forma más verdadera de expresión del espíritu nacional. Todas las naciones, según el autor, estaban en proceso de progresar hacia un estado utópico deseado, llamado *Humanität*, pero cada nación debía llegar a él siguiendo el camino de su propia cultura, desarrollando su propio lenguaje, arte, literatura, religión, costumbres y leyes.

Atraídos por este mismo ideal, los estudiantes revolucionarios estonios formaron un grupo que apuntaba precisamente a este tipo de rescate: el desarrollo y constitución de lo que sería el verdadero *Volksgeist* estonio, haciendo de su lengua vernácula un instrumento literario y, desde su tradición y memoria, representado en folclore, el contenido genuino de eso. Fue en este contexto que Kreutzwald conoció y se hizo amigo de Friedrich Robert Faehlmann.

En un momento dado, influenciado por la epopeya de su pueblo vecino, la finlandesa *Kalevala*, Faehlmann decidió comenzar a escribir una epopeya estonia en la misma línea. En 1839, publicó una antología de cuentos antiguos y, bebiendo del agua del romanticismo alemán, escribió sobre la figura mítica del héroe Kalevipoeg (“el hijo de Kalev”) quien, en el folclore estonio, era un gigante conocido por sus actos poco heroicos, y lo convirtió en un antiguo rey mitológico de los estonios que luchó por la libertad de su pueblo. Así nació el protagonista (o la imagen del protagonista) de la epopeya estonia. Desafortunadamente, Faehlmann murió en 1850, mucho antes de

completar su escritura. Por lo tanto, le correspondía a Kreutzwald terminar la gran epopeya de Estonia. Lo publicó en partes en las Actas de la Sociedad de Intelectuales de Estonia durante los años 1857 a 1861. En forma de libro, la epopeya se publicó en Estonia solo en 1875.

Pero, ¿cuáles fueron las inspiraciones de Kreutzwald, las bases mitológicas y folclóricas del pueblo estonio que apoyarían sus escritos? Kreutzwald no creó toda la historia que impregna la epopeya. La respuesta es el folclore estonio. En las canciones populares, el protagonista Kalevipoeg ocupa un papel algo periférico y secundario. Sin embargo, el personaje figura en muchas de las historias populares de naturaleza prosaica, especialmente las del este de Estonia, que atribuyen un carácter etiológico a las acciones de Kalevipoeg y al paisaje natural: las piedras de formas inusuales y la formación de ríos y colinas generalmente se atribuyen a él. En estos cuentos populares, Kalevipoeg no es un humano común, sino una criatura que puede caracterizarse como algo entre un ser humano y un ser primordial, algo similar, dadas las proporciones debidas, a un titán o troll.

De hecho, en el folclore estonio, Kalevipoeg ya aparecía, hasta cierto punto, como un agente creativo y (re)modelador del paisaje natural, un agricultor y portador de cultura. Sin embargo, Kreutzwald realmente se esforzó por acercarlo a los humanos, convirtiéndolo en una figura más protectora de lo que el folclore reveló originalmente. Además, con el mismo objetivo en mente, el autor también eclipsó casi por completo el lado más oscuro de Kalevipoeg que estaba presente en las historias antiguas: una criatura sexualmente hiperactiva; quien solía presumir de su fuerza de manera imprudente, a menudo provocando escenarios caóticos. Aunque todavía quedan rastros de este lado de Kalevipoeg en la épica, pasaron por un intenso filtro de Kreutzwald, que conscientemente los minimizó. En este sentido, la operación de Kreutzwald fue clara. Eligió una criatura del folclore nativo que simbolizaba una parte indómita de los estonios y la modificó para poder mantener estas características y al mismo tiempo elevar el nivel digno de un héroe.

Kreutzwald se dio cuenta rápidamente de la necesidad de la joven nación estonia, que necesitaba con urgencia una identidad nacional y un héroe que fuera artísticamente emocionante, grandioso y atractivo, al tiempo que simbolizaba una rebelión contra el control extranjero. Inspirado en el Kalevipoeg del folclore estonio,

Kreutzwald tuvo que darle una nueva voz, algo donde confluían las características de una identidad nacional emergente, que establecería, sobre todo, un contraste directo con los alemanes, conquistadores de Estonia y sus dominadores durante siglos. La solución que le pareció más eficaz al autor, y de hecho, fue construir una epopeya en torno a un héroe nacional. La elección de *Kalevipoeg* no fue accidental: su parte primitiva e incontrolable, colosal y salvaje que parecía representar, para Kreutzwald y Faelmann, la culminación del folclore genuinamente estonio que no revelaba rastro alguno de sus colonizadores germánicos.

Un último tema que debe destacarse y mantenerse siempre a la vista es la cuestión de la audiencia de Kreutzwald y su trabajo. Tanto el *Kalevipoeg* estonio como el *Kalevala* finlandés, a diferencia de otras epopeyas, no estaban dirigidos a una élite intelectual, sino a las clases del pueblo, principalmente al campesinado, que, dicho sea de paso, fue precisamente el mantenedor de la tradición popular oral hasta el siglo XIX, contribuyendo con su voces y recuerdos para los materiales de recopilación que servirían de base para estas epopeyas. La maestría de las obras de Kreutzwald y Elias Lönnrot radica precisamente en su capacidad para crear estas obras de carácter híbrido que lograron, con este material, movilizar la sensibilidad y el interés de una élite que deseaba la emancipación de la nación, al tiempo que le confiere una voz y valora la clases de la gente y el mundo cotidiano de su vida la mayor parte del tiempo sigue siendo rural.

Para eso, la intención de Kreutzwald era obtener tantos informes como fuera posible sobre el gigante de las narrativas populares. Sabía que estas historias tenían sus variaciones y regionalismos, extendiéndose por todo el territorio estonio y, por ello, inició una campaña pidiendo a todos sus compañeros, amigos y demás interesados que le enviaran todo el material que pudieran reunir para ayudarlo en la “reconstrucción de esta gran epopeya”. De hecho, Kreutzwald recibió ayuda de varias partes de Estonia, recibiendo numerosos materiales folclóricos.

Y esa fue la principal diferencia entre la obra de Kreutzwald y la de Lönnrot, autor de finlandesa *Kalevala*. El segundo recogió una cantidad mucho mayor de material que Kreutzwald, además de haberlo hecho en gran parte de forma presencial, al viajar a diferentes localizaciones de Finlandia y principalmente en Karelia. Además de la ayuda que recibió de sus corresponsales, Kreutzwald realizó solo algunos viajes al sureste de su país, donde recopiló algunos cuentos tradicionales. Aunque esto no significa

necesariamente que *Kalevipoeg* tenga un valor más bajo en comparación con *Kalevala*, debemos tener en cuenta que el contenido de *Kalevipoeg* debe leerse mucho más como una parte discursiva de la historia y la literatura de Estonia que como un representante confiable del folclore nativo.

Y a diferencia de la *Kalevala* finlandesa, *Kalevipoeg* solo tiene este protagonista único, que le dio a la epopeya su propio nombre. La narración consiste en *Kalevipoeg* viajando a Finlandia para rescatar a su madre, que había sido secuestrada por un mago finlandés – es interesante notar cómo el espíritu del mago en el trabajo de Kreutzwald es siempre el del finlandés o el del sámi. En el camino, *Kalevipoeg* termina involucrándose en una pelea contra el hijo de un herrero y lo mata innecesariamente en combate: el herrero luego lo maldice, maldiciendo por la propia espada de *Kalevipoeg* para matarlo. En el camino de regreso, el héroe se convierte en rey de Estonia después de ganar una disputa de lanzamiento de piedras contra sus dos hermanos. Ahora rey, el protagonista comienza a implementar mejoras y construir fortificaciones, ya que su reino fue constantemente invadido por lituanos, polacos y alemanes. En un momento dado, *Kalevipoeg* debe cruzar el río fangoso donde había caído su espada y luego, a causa de la maldición, le corta ambas piernas y el gigante muere. El dios Taara decide enviar a *Kalevipoeg* a vigilar las puertas del inframundo, donde todavía se encuentra hoy.

No hay traducciones de la epopeya estonia al portugués. Hay traducciones al inglés de Jüri Kurman (1982) y Triinu Kartus (2011). Otra opción es la breve traducción y adaptación en prosa, de William Forsell Kirby (1985), también al inglés. Mariano González Campo tradujo la versión de Kirby del inglés al español (2015).

(Versión em español por Christina Ramalho)

3.

Kalevipoeg était l'épopée estonienne qui a surgi au 19ème siècle, initialement conçue par Friedrich Robert Faehlman et, à cause de sa mort, écrite et complétée par Friedrich Reinhold Kreutzwald. L'épopée a émergé avant tout pour répondre au besoin de l'Estonie de se débarrasser de la domination culturelle allemande – qui durait depuis des siècles, essentiellement depuis l'époque des croisades baltes, vers le 12ème siècle – en créant une identité nationale véritablement estonienne qui n'a montré aucune

trace de ses dominateurs allemands. Les valeurs et les caractéristiques nécessaires à la construction d'une telle identité convergent vers le héros Kalevipoeg («Le fils de Kalev»), retiré du folklore indigène et reconfiguré pour s'adapter aux moules épiques et aux idéaux romantiques typiques du XIX.

Kreutzwald a été grandement influencé par les idées de Gottfried Herder, considéré par l'un des plus grands architectes du *Sturm und Drang* et du romantisme allemand susmentionnés; en parallèle, il y a eu à cette époque une puissante vague de Estonien et autres mouvements révolutionnaires qui poussaient les peuples d'Europe de l'Est vers la volonté d'indépendance et d'émancipation depuis le début du XIXe siècle. Dans ce contexte, les maximes défendues par Herder pourraient alors être facilement assimilées par les savants estoniens en quête d'émancipation de la domination étrangère: selon lui, il y avait un déclin des sociétés occidentales qui avaient adhéré aux modèles culturels étrangers et dévalorisé leurs langues et littératures natales. Herder a appelé à une revitalisation des cultures et des nations en sauvant le folklore, la poésie et les traditions de chaque peuple, qui, selon lui, constituaient la forme la plus vraie d'expression de l'esprit national. Toutes les nations, selon l'auteur, étaient en train de progresser vers un état utopique souhaité, appelé Humanität, mais chaque nation devrait l'atteindre en suivant le chemin de sa propre culture, en développant sa propre langue, art, littérature, religion, mœurs et lois.

Attirés par ce même idéal, les étudiants révolutionnaires estoniens ont formé un groupe qui visait précisément ce type de sauvetage: le développement et la constitution de ce qui serait le véritable *Volksgeist* estonien, faisant de leur langue vernaculaire un instrument littéraire et, de leur tradition et de leur mémoire, représenté en folklore, le véritable contenu de cela. C'est dans ce contexte que Kreutzwald a rencontré et s'est lié d'amitié avec Friedrich Robert Faehlmann.

À un moment donné, influencé par l'épopée de ses voisins, la finlandaise *Kalevala*, Faehlmann a décidé de commencer à écrire une épopée estonienne dans le même esprit. En 1839, il publia une anthologie de contes anciens et, buvant l'eau du romantisme allemand, écrivit sur la figure mythique du héros Kalevipoeg («le fils de Kalev») qui, dans le folklore estonien, était un géant connu pour ses actes peu héroïques, et fait de lui un ancien roi mythologique des Estoniens qui s'est battu pour la liberté de son peuple. Ainsi, le protagoniste (ou l'image du protagoniste) de l'épopée estonienne

est né. Malheureusement, Faehlmann mourut en 1850, bien avant de terminer son écriture. C'était donc à Kreutzwald de terminer la grande épopée estonienne. Il l'a publié en parties dans les Actes de la Société des intellectuels estoniens au cours des années 1857 à 1861; sous forme de livre, l'épopée n'a été publiée en Estonie qu'en 1875.

Mais quelles ont été les inspirations de Kreutzwald, les bases mythologiques et folkloriques du peuple estonien qui soutiendraient ses écrits? Kreutzwald n'a pas tout créé l'histoire qui imprègne l'épopée. La réponse est le folklore estonien. Dans les chansons folkloriques, le protagoniste Kalevipoeg occupe un rôle quelque peu périphérique et secondaire; cependant, le personnage figure dans de nombreuses histoires populaires de nature prosaïque, en particulier celles de l'Est de l'Estonie, qui attribuent un caractère étiologique aux actions de Kalevipoeg et au paysage naturel: des pierres aux formes inhabituelles et la formation de rivières et de collines sont généralement attribuées à lui. Dans ces contes populaires, Kalevipoeg n'est pas un humain ordinaire, mais une créature qui peut être caractérisée comme quelque chose entre un être humain et un être primordial – quelque chose de similaire, étant donné les proportions voulues, à un titan ou un troll.

En fait, dans le folklore estonien, Kalevipoeg apparaît déjà, dans une certaine mesure, comme un agent créatif et un (re) modeleur du paysage naturel, un agriculteur et un porteur de culture. Cependant, Kreutzwald s'est en effet efforcé de le rapprocher des humains, faisant de lui une figure plus protectrice que le folklore initialement révélé. De plus, avec le même objectif en tête, l'auteur a aussi presque complètement éclipsé le côté sombre de Kalevipoeg qui était présent dans les vieilles histoires: une créature sexuellement hyperactive; qui se vantait imprudemment de sa force, provoquant souvent des scénarios chaotiques. Bien qu'il y ait encore des traces de ce côté de Kalevipoeg dans l'épopée, ils sont passés par un filtre intense de Kreutzwald, qui les minimisait consciemment. En ce sens, l'opération de Kreutzwald était claire. Il a choisi une créature du folklore indigène qui symbolisait une partie indomptée des Estoniens, et l'a modifiée afin de pouvoir conserver ces caractéristiques tout en élevant simultanément le niveau digne d'un héros.

Kreutzwald a rapidement compris le besoin de la jeune nation estonienne, qui avait un besoin urgent d'une identité nationale et d'un héros artistiquement excitant, grandiose et attrayant, tout en symbolisant une rébellion contre le contrôle étranger.

Inspiré par le Kalevipoeg du folklore estonien, Kreutzwald devait lui donner une nouvelle voix, quelque chose où les caractéristiques d'une identité nationale émergente convergeraient, ce qui, surtout, établirait un contraste direct avec les Allemands, conquérants de l'Estonie et ses dominateurs pendant des siècles. La solution qui semblait la plus efficace à l'auteur – et c'était en fait – était de construire une épopée autour d'un héros national. Le choix de Kalevipoeg n'était pas accidentel: c'était précisément sa part primitive, incontrôlable, colossale et sauvage qui semblait représenter, pour Kreutzwald et Faelhmann, l'aboutissement d'un folklore authentiquement estonien qui n'a révélé aucune trace de ses colonisateurs germaniques.

Une dernière question qui doit être soulignée et toujours gardée à l'esprit est la question du public de Kreutzwald et de son travail. La *Kalevipoeg* estonienne et la *Kalevala* finlandaise, contrairement à d'autres épopées, visaient non pas une élite intellectuelle, mais les classes du peuple, principalement la paysannerie, qui, d'ailleurs, était précisément le mainteneur de la tradition folklorique orale jusqu'au 19^{ème} siècle, contribuant avec leur des voix et des souvenirs pour les matériaux de compilation qui serviraient de base à ces épopées. La maîtrise des œuvres de Kreutzwald et d'Elias Lönnrot réside précisément dans leur capacité à créer ces œuvres à caractère hybride qui ont réussi, avec ce matériau, à mobiliser la sensibilité et l'intérêt d'une élite qui désirait l'émancipation de la nation, tout en conférant une voix et en valorisant les classes du peuple et le monde quotidien de leur vie la plupart du temps encore ruraux.

Pour cela, l'intention de Kreutzwald était d'obtenir autant de reportages que possible sur le géant des récits folkloriques. Il savait que ces histoires avaient leurs variations et régionalismes, étant répandues sur tout le territoire estonien et, par conséquent, il a lancé une campagne demandant à tous ses collègues, amis et autres parties intéressées de lui envoyer tout le matériel qu'ils pourraient rassembler pour l'aider. dans la «reconstruction de cette grande épopée». Kreutzwald a en effet reçu de l'aide de diverses régions d'Estonie, recevant de nombreux documents folkloriques.

Et c'était la principale différence entre l'œuvre de Kreutzwald et celle de Lönnrot, auteur de la *Kalevala* finlandaise. Le second a collecté une quantité beaucoup plus importante de matériel que Kreutzwald, en plus de l'avoir fait en grande partie en personne, lors de voyages à travers divers endroits en Finlande et principalement en

Carélie. Outre l'aide qu'il a reçue de ses correspondants, Kreutzwald n'a fait que quelques voyages dans le sud-est de son pays, où il a recueilli quelques contes traditionnels. Bien que cela ne signifie pas nécessairement que *Kalevipoeg* a une valeur inférieure par rapport à *Kalevala*, nous devons garder à l'esprit que le contenu de *Kalevipoeg* devrait être lu beaucoup plus comme une partie discursive de l'histoire et de la littérature estoniennes, que que comme un représentant fiable du folklore indigène du pays.

Et contrairement à la finlandaise *Kalevala*, *Kalevipoeg* n'a que ce seul protagoniste, qui a donné son propre nom à l'épopée. Le récit consiste en un voyage de Kalevipoeg en Finlande pour sauver sa mère, qui avait été kidnappée par un magicien finlandais – il est intéressant de noter comment l'éthos du sorcier dans l'œuvre de Kreutzwald est toujours celui du Finlandais ou celui du sami. Sur le chemin, Kalevipoeg finit par s'impliquer dans un combat contre le fils d'un forgeron et le tue inutilement au combat: le forgeron le maudit alors, maudissant la propre épée de Kalevipoeg pour le tuer. Sur le chemin du retour, le héros devient roi d'Estonie après avoir remporté une dispute de jets de pierres contre ses deux frères. Désormais roi, le protagoniste commence à mettre en œuvre des améliorations et à construire des fortifications, son royaume étant constamment envahi par les Lituaniens, les Polonais et les Allemands. A un moment donné, Kalevipoeg doit traverser la rivière boueuse où son épée était tombée puis, à cause de la malédiction, elle lui coupe les deux jambes et le géant meurt. Le dieu Taara décide d'envoyer Kalevipoeg garder les portes de la pègre, où il se trouve encore aujourd'hui.

Il n'y a pas de traductions de l'épopée estonienne en portugais. Il existe des traductions en anglais par Jüri Kurman (1982) et Triinu Kartus (2011). Une autre option est la traduction courte et l'adaptation en prose de William Forsell Kirby (1985), également en anglais. Mariano González Campo a traduit la version de Kirby de l'anglais vers l'espagnol (2015).

(Version française par Christina Ramalho)

4.

Kalevipoeg was the Estonian epic poem that arose in the 19th century, initially conceived by Friedrich Robert Faehlman and, on account of his death, written and

completed by Friedrich Reinhold Kreutzwald. The epic emerged above all to meet Estonia's need to get rid of German cultural dominance – which had been going on for centuries on end, basically since the time of the Baltic Crusades, around the 12th century – by creating a genuinely Estonian national identity that showed no trace of its German dominators. The values and characteristics necessary for the construction of such an identity converged on the hero Kalevipoeg (“The son of Kalev”), removed from native folklore and reconfigured to fit the epic molds and romantic ideals typical of the XIX.

Kreutzwald was greatly influenced by the ideas of Gottfried Herder, considered by one of the greatest architects of the aforementioned Sturm und Drang and German Romanticism; in parallel, there was at that time a powerful wave of national awakening Estonian and other revolutionary movements that had been pushing the peoples of Eastern Europe towards the will of independence and emancipation since the beginning of the 19th century. In this context, the maxims defended by Herder could then be easily assimilated by Estonian scholars in search of emancipation from foreign domination: according to him, there was a decline in Western societies that had adhered to foreign cultural models and devalued their native languages and literatures. Herder called for a revitalization of cultures and nations by rescuing the folklore, poetry and traditions of each people, which, according to him, constituted the truest form of expression of the national spirit. All nations, according to the author, were in the process of progressing towards a desired utopian state, called Humanität, but each nation should reach it following the path of its own culture, developing its own language, art, literature, religion, customs and laws.

Attracted by this same ideal, Estonian revolutionary students formed a group that aimed precisely at this type of rescue: the development and constitution of what would be the true Estonian Volksgeist, making their vernacular language a literary instrument and, from their tradition and memory, represented in folklore, the genuine content for that. It was in this context that Kreutzwald met and became friends with Friedrich Robert Faehlmann.

At one point, influenced by the epic of his neighboring people, the Finnish *Kalevala*, Faehlmann decided to start writing an Estonian epic along the same lines. In 1839, he published an anthology of old tales and, drinking from the water of German Romanticism, wrote about the mythical figure of the hero Kalevipoeg (“the son of

Kalev”) who, in Estonian folklore, was a giant known for his unheroic acts, and turned him into a former mythological king of the Estonians who fought for the freedom of his people. Thus, the protagonist (or the image of the protagonist) of the Estonian epic was born. Unfortunately, Faehlmann died in 1850, long before completing his writing. It was therefore up to Kreutzwald to finish the great Estonian epic. He published it in parts in the Proceedings of the Society of Estonian Intellectuals throughout the years 1857 to 1861; in book form, the epic poem was published in Estonia only in 1875.

But what were Kreutzwald's inspirations, the mythological and folkloric bases of the Estonian people that would support his writings? Kreutzwald did not create all the story that permeates the epic. The answer is Estonian folklore. In folk songs, the protagonist Kalevipoeg occupies a somewhat peripheral and secondary role; however, the character figures in many of the folk stories of a prosaic nature, especially those from eastern Estonia, which attribute an etiological character to Kalevipoeg's actions and the natural landscape: stones in unusual shapes and the formation of rivers and hills are usually attributed to him. In these folk tales, Kalevipoeg is not an ordinary human, but a creature that can be characterized as something between a human being and a primordial being – something similar, given due proportions, to a titan or troll.

In fact, in the Estonian folklore Kalevipoeg already appeared, to some extent, as a creative agent and (re)modeler of the natural landscape, a farmer and bearer of culture. However, Kreutzwald did indeed strive to bring him closer to humans, making him a more protective figure than folklore originally revealed. Furthermore, with the same aim in mind, the author also almost completely overshadowed the darker side of Kalevipoeg that was present in the old stories: a sexually hyperactive creature; who used to boast of his strength recklessly, often causing chaotic scenarios. Although there are still traces of this side of Kalevipoeg in the epic, they went through an intense Kreutzwald filter, which consciously minimized them. In this sense, Kreutzwald's operation was clear. He chose a creature of native folklore that symbolized an untamed part of Estonians, and modified it so that he could maintain these characteristics while simultaneously raising the standard worthy of a hero.

Kreutzwald was quick to grasp the need of the young Estonian nation, who urgently needed a national identity and a hero who was artistically exciting, grandiose and attractive, while symbolizing a rebellion against foreign control. Inspired by the

Kalevipoeg from Estonian folklore, Kreutzwald had to give him a new voice, something where the characteristics of an emerging national identity would converge, which would, above all, establish a direct contrast with the Germans, conquerors of Estonia and its dominators for centuries on end. The solution that seemed most efficient to the author – and that was in fact – was to build an epic poem around a national hero. Kalevipoeg's choice was not accidental: it was precisely his primitive, uncontrollable, colossal and savage part that seemed to represent, for Kreutzwald and Faelhmann, the culmination of genuinely Estonian folklore that revealed no trace of his Germanic colonizers.

One last issue that needs to be highlighted and always kept in view is the question of Kreutzwald's audience and his work. Both the Estonian *Kalevipoeg* and the Finnish *Kalevala*, unlike other epics, were aimed not at an intellectual elite, but at the classes of the people, mainly the peasantry, which, incidentally, was precisely the maintainer of the oral folk tradition until the 19th century, contributing with their voices and memories for the compilation materials that would serve as the basis for these epics. The mastery of the works of Kreutzwald and Elias Lönnrot lies precisely in their ability to create these works of a hybrid nature that managed, with this material, to mobilize the sensitivity and interest of an elite that desired the emancipation of the nation, while conferring a voice and valuing the classes of the people and the everyday world of their life most of the time still rural.

For that, Kreutzwald's intention was to obtain as many reports as possible about the giant of folk narratives. He knew that these stories had their variations and regionalisms, being spread throughout Estonian territory and, therefore, he started a campaign asking all his colleagues, friends and other interested parties to send him all the material they could gather to help him. in the “reconstruction of this great epic”. Kreutzwald did indeed receive help from various parts of Estonia, receiving numerous folk materials.

And that was the main difference between the work of Kreutzwald and that of Lönnrot, author of the Finnish *Kalevala*. The second collected a much larger amount of material than Kreutzwald, in addition to having done it largely in person, when traveling through various locations in Finland and mainly in Karelia. In addition to the help he received from his correspondents, Kreutzwald made only a few trips to the southeast of

his country, where he collected some traditional tales. Although this does not necessarily mean that *Kalevipoeg* has a lower value compared to *Kalevala*, we need to keep in mind that the contents of *Kalevipoeg* should be read much more as a discursive part of Estonian History and Literature, than as a reliable representative of the country's native folklore.

And unlike the Finnish *Kalevala*, *Kalevipoeg* has only this single protagonist, who gave the epic its own name. The narrative consists of Kalevipoeg traveling to Finland to rescue his mother, who had been kidnapped by a Finnish magician – it is interesting to note how the wizard's ethos in Kreutzwald's work is always that of the Finnish or that of the *sámi*. On the way, *Kalevipoeg* ends up getting involved in a fight against the son of a blacksmith and kills him unnecessarily in combat: the blacksmith then curses him, cursing for Kalevipoeg's own sword to kill him. On the way back, the hero becomes king of Estonia after winning a stone-throwing dispute against his two brothers. Now king, the protagonist begins to implement improvements and build fortifications, as his kingdom was constantly invaded by Lithuanians, Poles and Germans. At a given moment, Kalevipoeg must cross the muddy river where his sword had fallen and then, because of the curse, she cuts off both legs and the giant dies. The god Taara decides to send Kalevipoeg to guard the gates of the underworld, where he is still today.

There are no translations of the Estonian epic into Portuguese. There are translations into English by Jüri Kurman (1982) and Triinu Kartus (2011). Another option is the short translation and adaptation in prose, by William Forsell Kirby (1985), also into English. Mariano González Campo translated Kirby's version from English into Spanish (2015).

Referências/Referencias/Références/References

ARUKASK, Madis. The Estonian national epic, Kalevipoeg: its sources and inception. In: CAMPBELL, Matthew (eds.); PERRAUDIN, Michael (eds.). **The voice of the people: writing the European folk revival, 1760 – 1914**, 2012, p. 123-141.

ARUKASK, Madis. Runo songs, Kalevipoeg and Peko in the question of national identity. In: HONKO, Lauri (eds.). **The Kalevala and the World's Traditional Epics**, 2002, p. 420-432.

DUBOIS, Thomas. Frithiof's Motley cousins: on the perils of using folklore to create a National Epic. In: BRANTLY, Susan (eds.); DUBOIS, Thomas (eds.). **The Nordic Storyteller: essays in honour of Niels Ingwersen**, 2009, p. 178-210.

HASSELBLATT, Cornelius. **Kalevipoeg Studies: the creation and reception of an Epic**. Helsinki: Studia Fennica Folkloristica, 2016.

TALVET, Jüri. Introdução. In: KREUTZWALD, Friedrich Heinholt (esc.). **Kalevipoeg, Epopeya Nacional Estonia**, 2015, p. III – XXIII.